



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA

Liliane Nogueira Monteiro¹

Introdução

A presença da mulher negra na literatura brasileira, sempre foi apresentada por escritores brancos com seus discursos bastante negativos. Quando são representadas por esses escritores a maioria das vezes, são explorados temas como sedução, beleza, resistência física, pois as qualidades que são apresentadas sempre estão ligadas ao corpo da mulher, nunca é mencionado o que ela pensa, ou o que deseja. Conforme Campos (2008, p.03), percebe-se ainda que a mulher negra também não aparece como musa, heroína ou romântica. A representação literária da mulher negra é ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou como corpo-objeto de prazer.

Essa representação da mulher negra na literatura ao longo da história foi feita com base nas construções dos escritores brancos, que integraram uma tripartição de algumas funções socialmente atribuídas as mulheres negras elaboradas pelo imaginário masculino euro descendente. As figuras negras que produziam a literatura afro-brasileira, serviram como uma amostra bem pequena de um momento histórico da nossa literatura, já que eram produzidas pelas mãos feministas afrodescendentes. As escritoras negras figuram como as mulheres precursoras da literatura elaborada por mulheres negras brasileiras. Conceição Evaristo, Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus. É evidente que existem outras, no entanto o destaque maior tornou Maria Firmina do Reis e Carolina Maria de Jesus como referências das letras

¹ Graduada em História licenciatura pela Universidade Federal do Acre – UFAC.
Lilianenogueira2801@hotmail.com



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

existência, e neste ato se opõe. A partir de sua posição de raça e classe, apropria-se de um veículo que pela história social de opressão não lhe seria próprio, e o faz por meio do seu olhar e fala desnudando os conflitos da sociedade brasileira (ALVES, 2010, p. 185).

É por meio do olhar e da fala que se tece as letras negras femininas, é possível afirmar que as mulheres negras afro descendentes tem sua auto representação manifestada por meio por meio de um duplo devir literário. Apresentamos aqui uma escritora negra a romancista e poetisa Conceição Evaristo que nasceu em 29 de dezembro de 1946 numa favela da zona sul de Belo Horizonte, Minas Gerais. Filha de uma lavadeira que, matinha um diário onde anotava as dificuldades de um cotidiano sofrido, Conceição cresceu rodeada por palavras. Teve que conciliar os estudos com o trabalho como empregada doméstica, até concluir o curso Normal, em 1971, já aos 25 anos. Uma das principais expoentes da literatura Brasileira e Afro-brasileira atualmente, Conceição Evaristo tornou-se também uma escritora negra de projeção internacional, com livros traduzidos em outros idiomas. Publicou seu primeiro poema em 1990, no décimo terceiro volume dos Cadernos Negros, editado pelo grupo Quilombhoje, de São Paulo. Desde então, publicou diversos poemas e contos nos Cadernos, além de uma coletânea de poemas e dois romances. A poetisa traz em sua literatura profundas reflexões acerca das questões de raça e de gênero, com o objetivo claro de revelar a desigualdade velada em nossa sociedade, de recuperar uma memória sofrida da população afro-brasileira em toda sua riqueza e sua potencialidade de ação. É uma mulher que tem cuidado de abrir espaços para outras mulheres negras se apresentarem no mundo da literatura.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

como generalizante a todas as escritoras brasileiras, mas cabe observar os principais aspectos literários contemporâneos que movem a escrita de cada uma delas, destacando assim, sobretudo, os traços da identidade e da autoafirmação dessas afro descendentes.

Dando sequência as escritoras negras falaremos agora sobre Maria Firmina dos Reis, nascida em São Luís, no Maranhão, no dia 11 de outubro de 1825. Filha bastarda de João Pedro Esteves e Leonor Felipe dos Reis. Foi uma escritora brasileira, e é considerada a primeira romancista brasileira. Em 1847, aos 22 anos, ela foi aprovada em um concurso público para a Cadeira de Instrução Primária, sendo assim a primeira professora concursada de seu Estado. Maria demonstrou sua afinidade com a escrita ao publicar “Úrsula” em 1859, primeiro romance abolicionista, primeiro escrito por uma mulher negra brasileira.



Foto 2: Maria Firmina Dos Reis.

O romance “Úrsula” consagrou Maria Firmina como escritora e também foi o primeiro romance da literatura afro-brasileira, entendida esta como produção de autoria afro descendente.

Podemos observar que este livro que a consagrou, também possuía uma temática forte e uma reivindicação clara de uma mulher negra, pobre e que queria vencer paradigmas diante de uma sociedade escravocrata e patriarcal. Não apenas como um passatempo literário inocente, conforme os romances dedicados à leitura



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

feminina por muito tempo, Úrsula vai além de uma simples história de amor impossível com final feliz. É em si, incontestavelmente, um grito, uma denúncia aos absurdos impostos pela sociedade ao negro e a mulher no Brasil oitocentista. Provavelmente ciente das dificuldades que encontraria ao publicar tal obra, Maria Firmina adotou medidas preventivas ao tratar de sua própria obra.

Úrsula não foi publicado sob o nome de Maria Firmina dos Reis e sim sob o pseudônimo “Uma Maranhense”. Já no prólogo, a autora afirma que “pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados.” Por trás da modéstia da autora, sincera ou não, pode-se observar a subserviência necessária à mulher ao publicar um livro, ou seja, o exercício de uma atividade comum apenas entre homens brancos, ricos e com acesso a educação europeia.

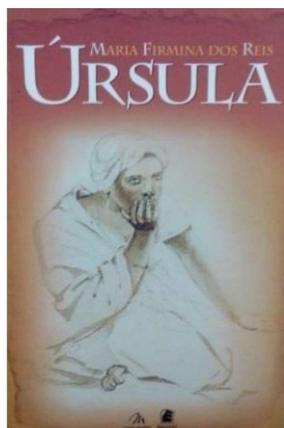


Foto 3: Capa do Livro Úrsula, de Maria Firmina Dos Reis.

Maria Firmina era sim uma mulher muito a frente do seu tempo, sempre lutando por uma educação melhor e por melhores condições para os negros e as mulheres e que ela seria a responsável pela composição do Hino da Abolição da Escravatura. Maria Firmina morreu em 1917 aos 92 anos na cidade de Guimarães. Teve em vida o privilégio de presenciar a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República. Porém, infelizmente, não pode presenciar o devido reconhecimento dos críticos de sua época pelas suas obras e lutas. “Revelada” ao grande público apenas na década de 1970, Maria Firmina dos Reis ainda é pouco presente na historiografia da literatura canônica brasileira. É válida portanto, indubitavelmente,



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

toda a menção honrosa a memória dessa grande brasileira. Negra, nordestina, pobre, bastarda, mulher.

E a nossa última e não menos importante escritora negra Carolina Maria de Jesus, nascida em Sacramento (MG), Carolina mudou-se para a capital paulista em 1947, momento em que surgiam as primeiras favelas na cidade. Apesar do pouco estudo, tendo cursado apenas as séries iniciais do primário, ela reunia em casa mais de 20 cadernos com testemunhos sobre o cotidiano da favela, um dos quais deu origem ao livro "Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada", publicado em 1960. Após o lançamento, seguiram-se três edições, com um total de 100 mil exemplares vendidos, tradução para 13 idiomas e vendas em mais de 40 países. Moradora da favela do Canindé, zona norte de São Paulo, ela trabalhava como catadora e registrava o cotidiano da comunidade em cadernos que encontrava no lixo. Ela é considerada uma das primeiras e mais importantes escritoras negras do Brasil.



Foto 4: A escritora brasileira Carolina Maria de Jesus é autora de "Quarto de Despejo"

